

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/362242618>

Árbitro ou arbitrário? Análise da autobiografia de Dalmo Bozzano

Article in *FuLiA / UFMG* · July 2022

DOI: 10.35699/2526-4494.2021.33458

CITATIONS

0

READS

19

4 authors, including:



Daniel Souza

Universidade Federal do Paraná

10 PUBLICATIONS 8 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Bruno Boschilia

Universidade Federal do Paraná

14 PUBLICATIONS 11 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



André Mendes Capraro

Universidade Federal do Paraná

152 PUBLICATIONS 147 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Futebol, Calcio, Fútbol, Fußball, Soccer, Football nas letras: estética, paixão e identidades na literatura contemporânea mundial [View project](#)



XVI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física / II International Congress of Sports History (ICOSH) - Curitiba 2018 [View project](#)

Árbitro ou arbitrário? Análise da autobiografia de Dalmo Bozzano

Referee or Arbitrary? Analysis of Dalmo Bozzano's Autobiography

Daniel Minuzzi de Souza

Instituto Federal Catarinense, Blumenau/SC, Brasil
Doutorando em Educação Física, UFPR
danielminuzzi1980@gmail.com

Bruno Boschilia

Prefeitura Municipal de Curitiba, Curitiba/PR, Brasil
Doutorando em Educação Física, UFPR

André Mendes Capraro

Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, Brasil
Doutor em História, UFPR

Wanderley Marchi Júnior

Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, Brasil
Doutor em Educação Física, UNICAMP

RESUMO: Este artigo faz uma análise historiográfica esportiva da obra *Dalmo Bozzano: Árbitro ou Arbitrário*, fonte autobiográfica publicada em 2007. No livro, são apresentadas memórias deste ex-árbitro de futebol, o primeiro catarinense a integrar o quadro da FIFA. Objetivamos conhecer o contexto de produção da autobiografia, verificar as fontes utilizadas pelo autor, identificar os principais momentos da sua carreira a partir de suas memórias e dialogar com os conceitos de memória individual e coletiva propostos por Pollak. Para o desenvolvimento do trabalho, foi feita a leitura da autobiografia e uma entrevista semiestruturada com o autor por meio de videochamada. Dividimos a análise em dois eixos: 1) o livro de cunho autobiográfico; 2) a arbitragem na vida de Dalmo Bozzano. A partir destas, foi possível observar a presença de um discurso lúdico, o envolvimento e manutenção da família Bozzano com o futebol e a idealização do passado baseada em um discurso individual e coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; Futebol; Árbitro; Memória; Dalmo Bozzano.

ABSTRACT: This paper makes a sport historiographical analysis of the book *Dalmo Bozzano: Árbitro ou Arbitrário*, an autobiographical source published in 2007. The book presents the memories of this former football referee, who was the first from Santa Catarina to join the FIFA Refereeing List. We aimed to know the context in which the autobiography was produced, to verify the sources used by the author, to identify the main moments of his career from his memories, and to dialogue with the concepts of individual and collective memory proposed by Pollak. To develop this work, the autobiography was read, and a semi-structured interview was conducted with the author by means of a video call. We divided the analysis into two axes: 1) the autobiographical book; 2) refereeing in Dalmo Bozzano's life. From these, it was possible to observe the presence of a ludic discourse, the involvement and maintenance of the Bozzano family with football, and the idealization of the past based on an individual and collective discourse.

KEYWORDS: Autobiography; Football; Referee; Memory; Dalmo Bozzano.

INTRODUÇÃO

Porque é uma vida rica, a vida de um árbitro é uma vida muito rica. Muita aventura, muita situação difícil, situação hilária, situação trágica...

Entrevista de Dalmo Bozzano

É inegável a importância do futebol no cenário mundial, seja pelo número de praticantes, ou simplesmente de espectadores/consumidores. Especificamente no Brasil, no ano de 2018, havia mais de 360 mil atletas cadastrados, sendo que o futebol foi responsável pela movimentação de aproximadamente R\$ 53 bilhões na economia nacional¹. O consumo de mercadorias do futebol não se limita a artigos esportivos, mas a uma série de produtos que pode incluir músicas, livros, jogos eletrônicos, entre outros. Para quem gosta da modalidade, histórias e memórias do “mundo da bola” fazem parte do cotidiano.

Ressaltamos, também, a crescente produção envolvendo o futebol a partir da perspectiva das ciências humanas e sociais.² Especificamente na linha historiográfica, a literatura autobiográfica é uma das fontes disponíveis para quem busca compartilhar memórias e conhecer histórias do futebol.³ Dentre estas, destacamos a obra “*Dalmo Bozzano: árbitro ou arbitrário?*”, que se tornou conhecido por terminar as partidas rigorosamente aos 45 minutos do segundo tempo, sem acréscimos. Ao ser questionado sobre esta característica,⁴ Bozzano respondia: “eu não ganho hora extra”. Esse tipo de resposta, que encontramos em suas memórias, revela uma tendência de estilo narrativo voltado ao lúdico⁵ e pode ser encontrada na autobiografia do “juiz”, objeto deste trabalho.

¹ CBF. Relatório de impacto do Futebol Brasileiro.

² Destacamos a obra GIGLIO; PRONI (Orgs.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*, e os artigos de GIGLIO; SPAGGIARI. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil; QUARANTA, André Marsiglia et al. *Interseções entre os campos esportivos e científico: a sociologia do esporte como elemento comum (2011-2018)*.

³ Destacamos o artigo “Memória e futebol no Brasil: escritas da vida de jogadores brasileiros”, de Cornelsen.

⁴ Característica que foi abandonada a partir do momento em que figurou no quadro de árbitros FIFA, conforme podemos observar em entrevista concedida a Polidoro Júnior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p6SCvRJvljk&t=1574s>. Acesso em: jan. de 2021.

⁵ ORLANDI. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*.

Os “relatos de vidas e carreiras no esporte em primeira pessoa [...] superam facilmente o número de estudos jornalísticos e acadêmicos e provavelmente representam o corpo de material publicado mais substantivo sobre a história do esporte”.⁶ Entretanto, apesar da importância que os oficiais de arbitragem possuem dentro do futebol, são poucos os livros e publicações brasileiras que tratam especificamente da vida ou da carreira desses profissionais, se compararmos a outros agentes, como atletas, treinadores e dirigentes.

Ao observarmos as principais obras que abordam as histórias e as carreiras de árbitros brasileiros, encontramos dois tipos de publicações: a) autobiografias de árbitros e b) biografias (ou verbetes biográficos) de importantes árbitros. Na primeira classificação, podemos incluir: 1) *Por dentro da Copa de 1994*, de autoria de Renato Marsiglia e publicado pela Editora Tchê, em 1994; 2) *A Regra é Clara*, de Arnaldo Cesar Coelho, publicada pela editora Globo, no ano de 2002; 3) *Cartão Vermelho*, de Edilson Pereira Carvalho, publicado pela editora Mundo Editorial, em 2006; 4) *Dalmo Bozzano: Árbitro ou Arbitrário*, de autoria e edição de Dalmo Bozzano, publicado em 2007, livro que foi nosso objeto de análise. No segundo critério, encontramos duas obras lançadas no ano de 2018: 1) *“Segue o Jogo!: 100 anos de arbitragem brasileira no futebol”*, escrito por Teodoro Castro Lino e publicado pela Editora Bonecker; 2) *Grandes Árbitros do Futebol Brasileiro: o desenvolvimento do futebol pelo olhar da arbitragem*, editorada e escrita por Daniel Destro.

Traçando um breve comparativo entre os títulos, destacamos que os três primeiros foram publicados no mesmo ano de realização da Copa do Mundo da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), o que nos parece estar associado a uma oportunidade editorial de comercialização das obras em períodos próximos à realização de megaeventos, consequentemente, aumentando o interesse pela temática.

Alguns dos personagens em questão são agentes importantes na história do Futebol Brasileiro. Renato Marsiglia e Arnaldo Cesar Coelho foram árbitros de futebol que integraram o quadro da FIFA com atuações destacadas, inclusive, em Copas do Mundo. Também há em comum entre os dois o fato de, após o encerramento de suas carreiras, tornarem-se comentaristas de arbitragem na mídia esportiva.⁷ Já

⁶ TAYLOR. *De fonte a objeto: esporte, história e autobiografia*, p. 2.

⁷ Arnaldo Cesar Coelho e Renato Marsiglia foram comentaristas de arbitragem do Grupo Globo.

Edilson Pereira Carvalho, que também compôs a lista de árbitros FIFA, lançou o livro no ano de 2006 numa tentativa de se defender das acusações de manipulação de resultados nos campeonatos de futebol em que esteve envolvido no ano de 2005, escândalo que ficou conhecido como “Máfia do Apito”.⁸ Na obra de Teodoro Castro Lino, árbitro-assistente FIFA, encontramos verbetes biográficos de alguns dos maiores árbitros e assistentes do futebol brasileiro, incluindo a si próprio. Por fim, o trabalho de Daniel Destro, árbitro com carreira no estado de São Paulo, segue a mesma linha do título anterior, acrescentando dados e informações históricas acerca do futebol, do desenvolvimento das regras e da arbitragem.

Dentre estas, a obra de Dalmo Bozzano, publicada em 2007, destoa das demais quando o critério é a publicação em ano de Copa do Mundo. A autobiografia desse árbitro catarinense foi publicada nove anos após o encerramento de sua carreira. De maneira resumida, Dalmo retrata memórias do tempo de arbitragem e sua relação com o futebol.

A autobiografia é vista como uma importante fonte para pesquisas históricas por proporcionar um olhar diferenciado sobre determinado fato histórico,⁹ ou melhor, revela a perspectiva singular de alguém que vivenciou determinado acontecimento; no caso, a sua própria vida. Quando se trata de uma pessoa pública que compartilha suas memórias, como um árbitro de futebol, é preciso enaltecer que a autobiografia pode ser compreendida como uma forma de contar a história que é marcada por sua subjetividade, portanto a forma como ele entende e/ou representa sua vida (profissional).

Nessa esteira, compreendemos a autobiografia como uma “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”.¹⁰ Além disso, destacamos a necessidade de se compreender as razões e os motivos que levaram o autor à escrita de si mesmo e sua trajetória: “[...] muitas vezes o aspecto é o

⁸ O caso conhecido como “Máfia do Apito” foi um esquema de manipulação de resultados de jogos que resultou na anulação de 11 partidas da Série A do Campeonato Brasileiro dirigidas pelo árbitro Edilson Pereira de Carvalho.

⁹ ALBERTI. Histórias dentro da História.

¹⁰ LEJEUNE. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, p. 16.

da confissão, ou da justificação ou da invenção de um novo sentido ou ainda, da combinação destes três”.¹¹

No que se refere à memória como fonte da literatura autobiográfica, precisamos considerar que sua constituição, formulada por um sujeito singular, se dá na sua relação com o meio, portanto se constitui, também, coletivamente. Assim, acreditamos ser necessário tecer considerações a respeito da constituição do conceito de memória e de como ele vem sendo utilizado.

Halbwachs¹² faz distinção entre história e memória coletiva. A história teria um caráter que transcenderia o tempo, unificando o presente e passado,¹³ enquanto a memória coletiva seria constituída a partir de uma relação com o tempo e espaço. Candau¹⁴ faz menção à distinção entre a memória coletiva e a metamemória. Para este autor, enquanto a memória coletiva deveria ser compartilhada por todos de maneira incontestável, a metamemória estaria relacionada à constituição da identidade, “uma representação da própria memória”.¹⁵

Além de compreender como as memórias são formadas, vale destacar que estas podem sofrer constantes alterações. Deste modo, evidenciamos a contribuição de Pollak¹⁶ quando considera uma trinca de elementos constitutivos da memória, quais sejam: os acontecimentos, os personagens e os lugares. Qualquer um desses elementos pode ser constituído de maneira presencial ou por “tabela”, como memória herdada de outros membros da família, ou de uma coletividade.¹⁷ Entrementes, observa-se a ocorrência de um processo de lembrança com o auxílio de outras pessoas.

A memória caracteriza-se como seletiva e socialmente construída, pois para sua estruturação leva-se em consideração as preocupações do momento. “Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”.¹⁸

¹¹ SILVA. Limites entre o real e o ficcional uma leitura de *douleur exquise*, de Sophie Calle, p. 3.

¹² HALBWACHS. *A memória coletiva*.

¹³ SANTOS-LISE. Arsenal, We're on your Side: uma análise do futebol em Nick Hornby, p. 25.

¹⁴ CANDAU. *Antropologia da memória*. CANDAU. *Memória e identidade*.

¹⁵ SANTOS-LISE. Arsenal, We're on your Side, p. 26.

¹⁶ POLLAK. *Memória e Identidade social*.

¹⁷ SANTOS-LISE. Arsenal, We're on your Side.

¹⁸ POLLAK. *Memória e Identidade social*, p. 4-5.

Quando se considera o processo de escrita (escrever, apagar e reescrever) da autobiografia, percebe-se que a seletividade da memória também está associada à identidade. Durante o ciclo da escrita da autobiografia, a memória e a identidade estão em disputa levando a um processo de ajuste da memória à forma como a pessoa quer ser percebida pelos outros. “Assim, o enquadramento da memória se refere a tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre as coletividades”.¹⁹

Pessoas públicas, talvez, possam ter suas histórias confrontadas por outras fontes com maior facilidade, porém a questão não diz respeito, no caso deste trabalho, à veracidade, pois, para Camargo,²⁰ “[...] o valor de veracidade possui alcances limitados, uma vez que no íntimo não reside a verdade da história, mas uma via para se compreender a história”. Nesse sentido, o íntimo, que emerge das memórias, é compreendido com um espaço de fronteira entre o público e o privado, fronteiras que são borradas “[...] entre a ficção/não ficção/escritura, entre texto/leitura/leitura de si”. Escrever sobre si é um processo tenso, contraditório entre dois sujeitos, em que ocorre uma desfiguração na qual, “[...] aparecem dois sujeitos de algum modo impossíveis: o informe [sem forma], o vazio prévio, e a máscara que desfigura esse vazio. O sujeito da experiência ao momento da escrita, que culmina na autorreflexão, que é um relato da experiência, não é mais o sujeito da experiência: é a máscara”.²¹

As memórias também são consideradas olhares para o passado a partir da visão do presente. Uma visão unilateral dos acontecimentos, nas quais nem todos os fatos são detalhados na forma como “realmente” aconteceram, mas como se efetivaram nas memórias do autor, com suas inclusões e exclusões. Nesse sentido, “[...] esse ressignificar os fatos narrados nos indicam que, ao trabalharmos com memória, o estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não”.²²

Dalmo Bozzano foi o primeiro árbitro da história de Santa Catarina a integrar o quadro da FIFA,²³ o que, conseqüentemente, lhe ofertou a possibilidade de ser o

¹⁹ SANTOS-LISE. Arsenal, We're on your Side, p. 28.

²⁰ CAMARGO. Sobre leitura e escritos autobiográficos: apontamentos teóricos, p. 16-18.

²¹ CAMARGO. Sobre leitura e escritos autobiográficos, p. 18.

²² ABRAHÃO. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica, p. 86.

²³ DESTRO. *Grandes árbitros do futebol brasileiro*.

pioneiro a atuar em partidas e competições internacionais. Desta forma, é considerado por muitos (e por si mesmo) o maior árbitro da história do estado, discurso sustentado por sua memória individual e coletiva, a qual é reforçada pela fala midiática,²⁴ por Lino,²⁵ e pelo próprio personagem em questão, conforme apresentado em sua autobiografia.

A leitura da obra instigou-nos a buscar compreender como foi seu contexto de produção. Interessou-nos responder a algumas indagações, tais como: quais os motivos que levaram Dalmo Bozzano a publicar a autobiografia nove anos após o término de sua carreira como árbitro? Quem escreveu ou assessorou a redação do livro? Como selecionou as histórias? Utilizou arquivo pessoal como fonte? Quais as histórias mais significativas para o autor?

Na contemporaneidade, “[...] é possível perceber mais claramente que o ‘Problema’ e a ‘Fonte’ – acham-se frequentemente entrelaçados: se o ‘Problema’ construído pelo historiador sinaliza para algumas possibilidades de ‘Fontes’, determinadas fontes também recolocam novos problemas para os historiadores”.²⁶

Nesse sentido, pensando nas fontes historiográficas como *lócus* de conhecimento e guiados pelas questões anteriormente citadas, temos como hipótese que o contexto de produção da autobiografia em questão se deu a partir do enquadramento e da seletividade de memórias que reafirmassem e preservassem a “identidade de si” (imagem construída pelo autor ao longo da sua vida) como o maior árbitro de Santa Catarina. Isso denotaria que a constituição das memórias ocorreu em diálogo com preocupações pessoais e políticas, como seu reconhecimento perante os pares e a carreira profissional de outros membros da família que também figuram na arbitragem e/ou em instâncias deliberativas da arbitragem do futebol. Uma segunda hipótese, que se desdobra da primeira, é que o autor adota uma narrativa lúdica de suas memórias ao transformar experiências difíceis em situações positivas, mantendo uma autoimagem de árbitro e arbitrário, na qual ele estaria no controle, preservando a sua imagem de figura pública.

²⁴ NOSSO CRAQUE. “Nosso craque” com Dalmo Bozzano, o maior árbitro de Santa Catarina.

²⁵ LINO. *Segue o Jogo!: 100 anos da arbitragem brasileira de futebol*, p. 52.

²⁶ BARROS. *Fontes Históricas – um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos*, p. 2.

Assim, para compreendermos o contexto de produção de tal obra, bem como as motivações pessoais do autor, nos propomos a identificar as fontes utilizadas, evidenciar os principais momentos de sua carreira a partir de suas memórias; e dialogar com os conceitos de memória individual e coletiva, com base na referida autobiografia.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de cunho historiográfico, no qual utilizamos como fontes uma autobiografia e uma entrevista semiestruturada. Partindo da premissa de que “[...] ao pesquisador da memória caberia refletir sobre as circunstâncias da emergência de determinadas representações do passado, as quais supostamente seriam partilhadas em uma coletividade”²⁷, para o tratamento dos dados, procuramos orientação em alguns cuidados preconizados por Barros²⁸, o qual aponta quatro procedimentos que seriam úteis para qualquer fonte historiográfica (seriais ou dialógicas) com o objetivo que o historiador adentre o seu tema com maior nível de consciência historiográfica.

- 1) Desenvolver um histórico do tratamento das fontes — momento em que realizamos a leitura do livro, identificação da estrutura da obra, seleção das histórias e, posteriormente, demos continuidade com a realização de entrevista semiestruturada por eixos que foi seguida por transcrição, para finalmente relacionar os trechos selecionados com o conceito de memória.
- 2) Descrição das Fontes — nossas fontes são o livro e a entrevista. Resta apresentar: quem escreveu? A quem se destina? A que práticas culturais esse texto atende? Que finalidade cumpre? Qual o objetivo da mensagem? Comover? Divertir? Manipular? Seduzir?
- 3) Contexto das fontes — momento dedicado para apresentar as condições de produção: como Dalmo produziu? Como as fontes chegam até nós, historiadores?
- 4) Construção do Contexto — reinserir as evidências, os discursos, as práticas ou os processos examinados no contexto total.

²⁷ SANTOS-LISE. Arsenal, We're on your Side, p. 21.

²⁸ BARROS. Fontes Históricas.

Após a leitura da obra, optamos por uma entrevista semiestruturada como sequência do percurso metodológico. Devido à pandemia da COVID-19, a audiência com o autor se deu por meio da plataforma *online Jitsi meet*, no dia cinco de janeiro de dois mil e vinte um (05/01/2021), com duração aproximada de trinta e três (33) minutos. Com o consentimento de Dalmo Bozzano para uso e divulgação das informações compartilhadas, a conversa foi gravada em dois formatos: audiovisual, oferecido como recurso na própria plataforma, e gravação de voz, por meio do aplicativo de *smartphone* da marca *Samsung*.

Dando continuidade, realizamos o processo de transcrição da entrevista que resultou em dez páginas de material²⁹. O depoimento serviu para dialogar com as informações já disponíveis na autobiografia. De posse desses materiais, optamos por dividir a apresentação dos resultados em dois eixos: (1) sobre a obra e (2) sobre a arbitragem, os quais apresentamos a seguir.

A OBRA E A ARBITRAGEM POR DALMO BOZZANO

Camburão? Camburão, eu conheço camburão por dentro melhor do que muito preso perigoso aí, de tanto que eu saí de camburão. Sou craque em saber onde tem a janelinha, onde a porta de emergência... eu andava em muito camburão. Para terminar um jogo, como eu disse, pênalti contra o time da casa era... camburão na certa.

Entrevista de Dalmo Bozzano

Nesse momento, passamos ao tratamento dos dados obtidos por meio da entrevista e da leitura da obra, na tentativa de responder às questões que embasaram nossa problematização, bem como atender aos objetivos do trabalho. Primeiramente, seguindo os eixos estipulados pela entrevista, iremos abordar a obra literária e, num segundo momento, nossas análises terão o foco na arbitragem.

²⁹ Caso haja interesse o material pode ser disponibilizado pelos autores mediante contato por e-mail.

EIXO 1 – O LIVRO DALMO BOZZANO: ÁRBITRO OU ARBITRÁRIO

A obra, com 200 páginas, é composta pela seguinte estrutura:

- a) *Prefácio* de Pedro José de Oliveira Lopes – que presidiu, entre os anos de 1983 e 1996, a Federação Catarinense de Futebol (FCF), também atuando como um dos diretores da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).
- b) *Prefácio 1* de Moacir José Fernandes – Diretor Presidente do Criciúma Esporte Clube em duas oportunidades, 1985-1992, e 2000-2007.
- c) *Prefácio 2* de José Patrício Matos – atuou como árbitro, instrutor de árbitros e presidiu o Sindicato dos Árbitros de Futebol de Santa Catarina (SINAFESC);
- d) *O Início* – capítulo composto por memórias referentes às experiências com o futebol e arbitragem;
- e) *Anexo I “Fotos”* – composto por 64 fotos que aparentam ser de um arquivo pessoal;
- f) *Anexo II “Documentos – assinaturas e pedidos de assembleias”* – apresenta um conjunto de documentos que compuseram a tentativa de um grupo em lançá-lo como candidato à presidência da FCF;
- g) *Anexo III “Documentos CPI e outros”* – apresenta alguns documentos em que se baseou para fazer denúncias contra a gestão do então presidente da FCF, senhor Delfim Pádua Peixoto Filho;
- h) *Final* – apresenta documentos com reconhecimento de entidades por serviços prestados, ao longo da carreira, como árbitro e, por fim, como fechamento do capítulo, sob a justificativa de o torcedor ser a razão maior do futebol, apresenta na íntegra o Estatuto do Torcedor, Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003.

Após descrevermos a estrutura da obra, passamos a apresentar informações referentes às condições de produção desta, tais como as motivações do autor e as fontes que utilizou para a produção do livro. Para tanto, recorreremos a uma segunda fonte, a entrevista.

Uma das primeiras questões que fizemos a Bozzano diz respeito ao surgimento/motivação para escrever um livro após quase dez anos do encerramento da

carreira. Em resposta, o autor mencionou o fato de estar residindo na cidade de Navegantes-SC que, segundo ele, há 15 anos: “[...] era bem vazia, monótona e eu disse assim “poxa, vou usar meu tempo, escrever um livro”. E das minhas memórias que eu tenho, não tenho boa memória, mas alguma coisa eu lembro. E comecei a escrever de brincadeira e tomei gosto pela coisa, tanto que deu duzentas e tantas páginas [...]”.³⁰

Essa alegada calma diferencia-se do ritmo intenso de viagens e deslocamentos necessários a um árbitro que atuou em alto nível. A respeito das fontes utilizadas para a produção do livro, questionamos se ele tinha o costume de escrever, registrar suas memórias ao longo da carreira, e a resposta foi negativa: “[...] durante a carreira eu não me preocupei em escrever não, porque eu sempre achei que meu jogo mais importante seria o próximo. Então, eu não me prendia muito ao passado, [...] então, não escrevi, não. Não tinha nada escrito que eu pudesse usar no livro. Somente minha memória”.³¹

O fato de não registrar as lembranças ao longo da carreira, de maneira manuscrita (como em um diário), não é o que mais chama a atenção, mas sim ele mencionar que só contava mesmo com a memória, no sentido de lembrar claramente do passado. Nesse aspecto, recorremos a Camargo³² que, ao analisar as memórias de Virgínia Wolf relacionadas a temporalidade, finalidades e objetivos diferentes, constata que as memórias registradas em diários têm menor espaço para a criação/invenção. Já nas cartas em que Wolf compartilha as suas memórias é possível perceber que as intenções são diferentes, as cartas são dedicadas a alguém específico, ou um futuro leitor, e ainda com a intenção de divertir, tendo também uma temporalidade diferente dos diários. “Nas cartas com certeza ela inventa; e às vezes o faz com a intenção de entreter, sabendo perfeitamente que o destinatário não a levará a sério. Nos diários, porém não pretende divertir, e tais fantasias são raras”.³³

Sendo assim, nos parece que as memórias registradas por Dalmo Bozzano em sua autobiografia aproximam-se das cartas de Virgínia Wolf, tanto por não terem sido registradas em um diário, quanto pelas finalidades. Parece-nos que a intenção

³⁰ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 2.

³¹ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 2.

³² CAMARGO. Sobre leitura e escritos autobiográficos.

³³ CAMARGO. Sobre leitura e escritos autobiográficos, p. 22.

de Dalmo era que o livro entretivesse, agradasse e divertisse os leitores interessados ou envolvidos com o futebol, como podemos ver em uma de suas respostas:

Eu acho que ficou um livro agradável e pelo menos até hoje não teve quem criticasse ou que não tivesse gostado ou que não tivesse lido até o fim, o que pra mim já foi... gratificante, essa foi minha paga, alguns ensinamentos, mas foi bom, valeu a pena. Não me arrependo de ter escrito o livro, acho que foi um bom trabalho e tenho certeza que muita gente gostou... mais do que menos.³⁴

O que poderia, porém, ajudar na exibição das memórias de Dalmo? Quais poderiam ser as fontes de inspiração de suas histórias, além, é claro, da experiência vivida e a intenção de compartilhar e divertir o público leitor? Na seção de fotos³⁵ particulares de Dalmo, destacamos uma imagem cuja legenda menciona “[...] minha sala de troféus, placas e fitas de vídeo como mais de uma centena de jogos gravados”. Provavelmente, estes registros e premiações o ajudaram na construção de sua narrativa, o que pôde ser observado quando questionado a respeito desse espaço:

Rapaz, aqui em Santa Catarina existia o troféu Jornaleiro, que era promovido pelo jornal *A Notícia*. Então, eles escolhiam o melhor árbitro do ano. E eu fui premiado por dez vezes na minha carreira, melhor árbitro de Santa Catarina. E, por consequência, apitei todas as finais que tive direito, sempre o árbitro que mais apitou o campeonato [...].³⁶

Considerando o fato de ter sido por um muito tempo um árbitro de destaque no cenário estadual e nacional, podemos, também, apontar a intencionalidade do autor de manter sua imagem atrelada ao futebol após tanto tempo distante do ambiente esportivo. Em tom irônico, nosso entrevistado aponta suas atividades na atualidade: “Hoje eu estou aqui na beira da praia mexendo com areia. Sabe o que é mexendo com areia né? Um dia eu faço castelinho, outro eu desenho uma mulher, outro dia desenho uma bola... (risos). Hoje eu mexo com areia, deixa assim que está bom”.³⁷

Ainda com intenção de entender as condições de produção da obra, quisemos saber por que Bozzano selecionou estas histórias, e se ele teria outras, bem como

³⁴ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 2.

³⁵ BOZZANO. *Dalmo Bozzano: árbitro ou arbitrário*, p. 129.

³⁶ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 2.

³⁷ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 7.

saber quais as que considerava mais marcante. Segundo ele, as histórias foram selecionadas a partir de suas lembranças, inclusive mencionou que às vezes recorda de mais algumas e, conseqüentemente, que teria outras para mais um livro. Destas, destaca-se uma passagem em que foi arbitrar uma partida em Joinville, mas que antes de ir resolveu passar na casa de sua avó para cumprimentá-la. Enquanto estava lá, chegou um Padre e estacionou o veículo atrás do carro de Bozzano. Quando este pediu ao Padre para dar uma “rezinha”, o sacerdote pensou que fosse para rezar o terço para que fizesse uma boa arbitragem na partida. Esse caso revela, de certa forma, as intenções de Dalmo, ao compartilhar suas histórias, quais sejam, de divertir e entreter o leitor. Outras passagens serviram para reforçar sua qualidade e competência como árbitro de futebol, o que poderá ser observado mais adiante no texto, quando trataremos do eixo arbitragem.

As biografias podem ser autorizadas ou não pelos biografados. Quando autorizadas, geralmente o biografado contrata um especialista para redigir a obra; já as não autorizadas, muitas vezes, acabam sendo alvo de disputas judiciais entre o escritor e o biografado. A obra de Dalmo Bozzano, em se tratando de uma autobiografia, poderia ter sido escrita por um *ghostwriter*. Neste sentido, questionamos o autor a respeito de quem escreveu, editou e financiou o livro. De acordo com Dalmo, ele próprio teria escrito sozinho, sem nenhuma forma de auxílio financeiro, destacando apenas a contribuição dos três prefaciadores:

[...] se o livro ficou bom, os méritos para mim. Se ficou ruim, azar o meu. Porque eu fiz sozinho, ninguém me ajudou. Me ajudou o Maceió a fazer o prefácio, a prefaciar. Aqueles dois ou três que escrevem dizendo alguma coisa a meu respeito, mas o livro... se gostaram, palmas pra mim, se não gostaram, podem me xingar porque eu sou o único responsável. Não tive ninguém que me ajudou. Inclusive possíveis erros de português, de concordância, de não sei o que, se eu os cometi, peço desculpas, mas eu fiz isso sozinho.³⁸

Ao questionarmos Bozzano sobre como se deu a seleção dos prefaciadores de sua obra, ele mencionou dois entre os três listados, e associou a escolha ao reconhecimento que estas pessoas davam à sua atuação e conduta como árbitro. Este

³⁸ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 2.

fato, segundo o entrevistado, possibilitava manter uma boa relação com os dirigentes das equipes, mesmo quando havia muita rivalidade envolvida, o que não o impedia de almoçar com o dirigente de uma equipe e jantar com o da outra “independente de quem ganhasse ou perdesse”, como podemos ver a seguir:

Exemplo disso foi que naquela época, os dois grandes times eram Criciúma e Joinville, decidiram dez títulos e eu devo ter apitado os dez. E o pior é que eu almoçava com um e jantava com o outro, independente de quem ganhasse ou quem perdesse. Essa confiança, esse respeito eu consegui ao longo de vinte e seis anos de arbitragem, mais de mil e seiscentos jogos apitados, o que, também, eu acho que é um outro recorde.³⁹

As refeições com dirigentes também são citadas no livro. Entretanto, considerando a realidade do futebol profissional brasileiro na atualidade, não seria bem-visto um árbitro manter esse tipo de relação com dirigentes esportivos, sejam eles da equipe vencedora ou perdedora, visando resguardar a posição de imparcialidade dentro e fora de campo. Desta maneira, passamos ao próximo eixo no qual abordamos especificamente as histórias e memórias arbitrais do autor.

EIXO 2 – A ARBITRAGEM NA VIDA DE DALMO BOZZANO

Dalmo Bozzano começou a apitar na Liga Blumenauense em 1972 e, no ano seguinte, foi indicado para fazer parte de jogos oficiais pela FCF. Em 1975, passou a integrar o quadro da Confederação Brasileira de Desportos – CBD (entidade que futuramente viria a ser a Confederação Brasileira de Futebol – CBF), atingindo o ápice entre 1994 e 1997, período em que fez parte da lista de árbitros da FIFA, participando de jogos e competições internacionais.⁴⁰ Esta trajetória contempla 1.653 jogos apitados, os quais renderam muitas viagens e histórias.⁴¹

É difícil mensurar a importância da arbitragem na vida de Dalmo e da família Bozzano. Além dele, seu irmão Celso e seu filho Giulliano também fizeram parte do quadro de árbitros da FCF. Este último obteve destaque, chegando a figurar na lista de árbitros aspirantes à FIFA.

³⁹ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 4.

⁴⁰ DESTRO. *Grandes árbitros do futebol brasileiro*.

⁴¹ LINO. *Segue o Jogo!*.

Duas histórias familiares contadas no livro descrevem um pouco dessa relação, ambas ocorrendo em 1997. A primeira quando Dalmo e Giulliano Bozzano atuaram juntos em uma partida do Campeonato Brasileiro, entre Athletico-PR e Sport-PE, realizada no estádio do Pinheirão em Curitiba, com o pai na condição de árbitro e o filho como seu assistente. A segunda é apontada por Dalmo Bozzano como sendo a história mais importante de sua carreira. Na mesma rodada, Dalmo e Giulliano foram escalados para apitar no Campeonato Brasileiro da Série A e para ele isso foi algo marcante:

Numa mesma rodada em Campeonato Brasileiro! De dez jogos [sic], eu e meu filho ocupamos duas escalas, um no maior estádio do mundo e outro no Morumbi, isso foi motivo de... [...] satisfação. Acho que isso é uma coisa para poucos, pai e filho numa mesma rodada,⁴² nos dois principais estádios do país, isso é para poucos, você pode ter certeza.⁴³

Essa história é contada no livro, apesar da ausência de maiores detalhes ou informações. Assim, por sua relevância, buscamos em outras fontes as informações sobre esta passagem. Naquela rodada da competição, Dalmo dirigiu Botafogo-RJ e Portuguesa-SP no dia 08 de novembro, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. No dia seguinte, Giulliano foi o responsável por apitar a partida entre São Paulo-SP e Paraná Clube-PR no estádio do Morumbi, em São Paulo.⁴⁴

A expressividade alcançada no cenário futebolístico nacional aliada ao fato de ter sido o primeiro árbitro de Santa Catarina a integrar o quadro FIFA, tornaram Dalmo Bozzano uma importante referência para a modalidade e o converteram em uma figura pública. A narrativa de pessoas públicas, aquelas que possuem uma imagem a zelar, se caracteriza por “[...] factuaismos, objetividade profissional e pouca introspecção. O comprometimento com a aparência faz com que a narrativa dessas pessoas seja sempre próxima de uma imagem triunfal. Para eles, quase invariavelmente o que interessa é a imagem pública e não situações de vivência privada”.⁴⁵

⁴² No ano de 1997, o Campeonato contava na primeira fase com a participação de vinte e seis equipes, em um total de treze partidas por rodada e não dez como apontado. Supomos haver uma confusão com o formato atual da competição, que possui dez rodadas.

⁴³ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 3-4.

⁴⁴ MARTIN. A figura do árbitro de futebol no Brasil: um livro-reportagem sobre a arbitragem de futebol desde a formação até a atuação em jogos profissionais. DESTRO. *Grandes árbitros do futebol brasileiro*.

⁴⁵ MEIHY. *Manual de História Oral*, p. 140.

A autorreferência individual, de ter desempenhado a mais brilhante carreira da história do futebol catarinense,⁴⁶ ganha contornos coletivos. Nesse sentido, “[...] um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade”.⁴⁷

Ao discutir a relação entre a memória individual e suas relações com a memória coletiva, Halbwachs afirma que:

Acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros.⁴⁸

Ao afirmar ser o maior árbitro da história de Santa Catarina, Bozzano baseia-se num coletivo ao seu redor que corrobora com esse discurso. Quando questionado acerca do título do livro “árbitro ou arbitrário”, o autor assume-se como arbitrário, pois, muitas vezes, interpretava e aplicava a regra à sua maneira, não seguindo o texto previsto nas regras do futebol:

Porque, além de árbitro, eu também fui arbitrário. Eu tomei muitas decisões que não estavam no livro. Mas entre o livro, entre a lei e a justiça, eu sempre procurei ficar com a justiça. Porque o cara escreveu um artigo errado, interpretou o regulamento errado, eu interpretava a minha maneira, arbitrariamente, é verdade. Por isso que eu me assumo arbitrário.⁴⁹

Entretanto, segundo nosso entrevistado, o mais importante é que essas decisões sejam corretas e imparciais, na qual sua credibilidade e conduta jamais foram colocadas em dúvida. Para ele “[...] o árbitro tem que mandar. É um mandando, dois generais dentro do campo não funcionam. Então tem que ter um só, e eu sempre fui general”.⁵⁰ De acordo com as regras da modalidade, o árbitro “tem autoridade para cumprir as regras do jogo”,⁵¹ sem a necessidade de utilizar de autoritarismo ou arbitrariedade.

⁴⁶ BOZZANO. *Dalmo Bozzano: árbitro ou arbitrário*.

⁴⁷ HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 48

⁴⁸ HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 42.

⁴⁹ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 6.

⁵⁰ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 6.

⁵¹ IFAB. *Regras do Futebol 2021/2022*, p. 59.

Segundo Bozzano, sua carreira encerrou-se no ano de 1998, após não ser escalado para a segunda partida da decisão do Campeonato Catarinense de Futebol daquele ano, em razão de sua saída do quadro da FIFA, quando atingiu o limite etário de 45 anos imposto à época pela entidade. De acordo com nosso entrevistado, era fato comum os árbitros que realizaram uma boa atuação na partida de ida da decisão serem novamente escalados para a partida de volta. Desta forma, a sua ausência nesta escala de arbitragem foi o estopim para o encerramento de sua carreira profissional.

Em uma de suas memórias, Bozzano revela que “[...] passados 10 anos que fui árbitro pela última vez (Chapecoense x Avaí), ainda sonho que estou arbitrando”.⁵² As menções de sonhar que está arbitrando foram observadas em algumas entrevistas de Bozzano, disponíveis no YouTube,⁵³ o que nos motivou a perguntar-lhe se os sonhos ainda persistem, e se estes sonhos eram referentes a momentos bons, ruins, ou se faziam alusão a algum episódio específico como o fim da carreira.

[...] Fazem vinte e três anos que eu parei de apitar e ainda sonho que estou apitando. Verdade. Sonho que estou entrando em campo apitando, expulsando, dando pênalti, marcando e... polícia e... ainda sonho que estou apitando! Isso foi a grande paixão da minha vida. A arbitragem é algo que entrou no sangue e ficou por vinte e seis anos, não é uma coisa que você larga assim, de repente, e esquece. Não! Ainda sonho que estou apitando.⁵⁴

Nossa intenção foi refletir sobre como Bozzano reagiu ao abrupto fim de sua carreira, se os sonhos marcavam um momento de ruptura com a arbitragem e tentar perceber a relação de seus sonhos com as memórias que constam na obra. Referente a este último ponto, o autor da autobiografia complementou a resposta anterior com as seguintes palavras:

Menino, tantas as histórias, você imagina o que deve ter acontecido com o principal árbitro de um estado, que apitou mais de mil e seiscentos jogos, você lembra quantas histórias eu teria para contar. Vai uma cabeça para botar isso tudo dentro! Eu teria que ter três ou quatro cabeças. Mas eu só tenho uma, então é difícil, é muito difícil lembrar de muitas coisas assim. Alguma coisa a gente lembra, mas de tudo não dá, é impossível... é impossível.⁵⁵

⁵² BOZZANO. *Dalmo Bozzano: árbitro ou arbitrário*, p. 32.

⁵³ POLIDORO JÚNIOR. Polidoro entrevista Dalmo Bozzano, o árbitro número 1 do futebol catarinense de todos os tempos.

⁵⁴ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 7.

⁵⁵ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano, p. 8.

A resposta de Bozzano nos remete mais uma vez a Camargo,⁵⁶ quando a pesquisadora menciona o “incidente no espelho” de Virgínia Wolf, apontando para uma relação de imbricamento entre os sonhos e as memórias, fazendo um alerta ao utilizar as palavras de Wolf, quando afirma que essas “[...] são algumas das minhas primeiras recordações. Mas é claro que, enquanto relato de minha vida, elas são enganosas, porque as coisas que não lembramos são tão importantes quanto as que lembramos; talvez sejam até mais importantes”.⁵⁷

Tal incidente refere-se às primeiras recordações de Wolf, por volta dos 8 anos de idade, e diz respeito à tentativa de a escritora compreender os motivos de se sentir envergonhada ao encarar o próprio rosto no espelho. O referido incidente também está ligado a um sonho de Wolf que, ao se olhar no espelho, enxergava “[...] uma cara horrível de animal por trás do ombro”. Levando a escritora a assumi-lo como um acontecimento em sua vida, o que levou Wolf a se questionar quando disse que: “Será que um dia eu estava me olhando no espelho quando alguma coisa no fundo se mexeu e me pareceu viva? Não tenho certeza. Mas nunca esqueci o outro rosto no espelho, fosse ele sonho ou realidade, e nem que ele me assustou”.⁵⁸

Assim, acreditamos que as memórias apresentadas na obra podem ser constituídas de “desejo”, sem deixar de considerar a intencionalidade do autor, que nos parece ser a de apresentar uma narrativa vitoriosa, como pessoa e como profissional, tendo em vista que Dalmo Bozzano não utilizava de diários com registros de suas memórias (embora conte com uma sala de troféus, vídeos e premiações que podem contribuir em suas recordações), com destaque para o relato de que sonhava, e ainda sonha, que está arbitrando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] sorri, chorei, apostei, ganhei, perdi, arrisquei, mas fiz tudo do meu jeito.

Dalmo Bozzano.

⁵⁶ CAMARGO. Sobre leitura e escritos autobiográficos.

⁵⁷ CAMARGO. Sobre leitura e escritos autobiográficos, p. 21.

⁵⁸ CAMARGO. Sobre leitura e escritos autobiográficos, p. 21.

A autobiografia que foi objeto deste texto, revela-nos histórias e passagens de um universo cotidiano dos árbitros de futebol, logicamente, construída a partir das próprias reminiscências e linha condutora definidas por seu autor. Este universo é muitas vezes desconhecido do grande público que acompanha o futebol.

Sabe-se que em um estádio de futebol são proferidos xingamentos e ofensas às mães dos oficiais de arbitragem por parte de alguns torcedores. Nesse sentido, podemos notar um discurso lúdico e até mesmo irônico do autor, ao dedicar a obra à sua mãe: “À minha mãe Hilda, que mesmo sendo xingada em todos os jogos, nunca economizou velas e orações para que eu tivesse boas arbitragens”.⁵⁹ Foi possível observar a constante referência do autor às passagens vitoriosas e narrativas lúdicas, tanto na obra como na entrevista. No entanto, as trajetórias de atuação profissional de oficiais de arbitragem, em especial no futebol amador, não são compostas exclusivamente por alegrias e sucessos. Ao contrário, envolvem diversas passagens difíceis, com tentativas e agressões consumadas, o que nos remete à construção da memória seletiva e socialmente construída, citada por Polak. Dessa forma, reconhecemos como um mérito do autor-narrador transitar entre discursos triunfantes, cômicos e trágicos, o que demonstra possuir diferentes soluções narrativas⁶⁰ ao compartilhar suas memórias.

No que se refere à veracidade das histórias, a qual em nossa compreensão ocupa um papel secundário, é possível identificar alguns enganos e distorções, como, por exemplo, não ser possível aferir ou verificar as mais de mil e seiscentas partidas em que atuou, bem como a quantidade de jogos realizados (dez ao invés de treze) na passagem em que ele e seu filho apitaram na mesma rodada. Como o Campeonato Brasileiro da Série A à época possuía outro formato e número de participantes, os dois foram responsáveis por conduzir duas partidas dentre um total de treze, e não dez, como afirmado na entrevista. Entretanto, esse detalhe não altera o sentido da afetividade e da importância do fato para o autor.

O afastamento de Dalmo dos gramados e das atividades relacionadas à arbitragem não deixou a família Bozzano alheia ao futebol. Giulliano seguiu os passos do pai chegando a ser aspirante à FIFA e atualmente trabalha na CBF, enquanto seu

⁵⁹ BOZZANO. *Dalmo Bozzano: árbitro ou arbitrário*, s. p.

⁶⁰ MEIHY. *Manual de História Oral*.

outro filho, Rafael, atua como advogado na área esportiva, ocupando o cargo de procurador do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD). Desta maneira, seja por meio da obra em análise ou por meio do legado da família, de alguma forma, a imagem e o sobrenome Bozzano seguiu ligado ao futebol.

Podemos dizer que foi possível, a partir desse estudo, por meio da realização da entrevista, transcrição, análise das informações e confecção deste artigo, descrever brevemente o contexto de produção da obra que, de acordo com nosso entrevistado, foi financiada com recursos próprios, produzida e escrita sem auxílio de profissionais especializados. Segundo Dalmo Bozzano, a intenção de redigir e publicar algumas de suas histórias surgiu com a disposição de tempo livre e calma da cidade em que se estabeleceu após a aposentadoria dos gramados, o que culminou no registro de histórias e passagens, algumas pitorescas, e que contribuem para a manutenção de sua imagem como figura pública.

Deste modo, é possível perceber por meio da publicação a tentativa do autor de permanecer/reentrar no universo futebolístico. Essa tentativa de reinserção no cenário esportivo pode ser identificada a partir da entrada de Dalmo como comentarista esportivo em emissoras de rádio e televisão,⁶¹ fato que é recorrente entre ex-árbitros que alcançaram destaque em suas carreiras.

Feitas essas considerações, entendemos que as hipóteses previamente levantadas foram confirmadas. Houve um cuidado no contexto de produção da obra ao enquadrar e selecionar as memórias para a autobiografia, preservando e reafirmando a “identidade de si”, inclusive ao ressignificar experiências negativas em positivas a partir da opção de uma narrativa lúdica.

A confirmação de nossas hipóteses fica em maior evidência ao retomarmos os três objetivos a que nos propomos neste trabalho. No tocante às fontes utilizadas pelo autor para a escrita do livro, foi possível identificar que Dalmo não recorreu a registros diários ao longo da carreira que pudessem ser usados futuramente. Sendo assim, a inspiração em escrever veio apenas após a “aposentadoria”. No entanto, também identificamos que o autor possui uma sala de troféus, premiações, fitas de

⁶¹ BOZZANO. Entrevista de Dalmo Bozzano.

vídeo e outros registros, o que, de certa forma, pode auxiliar na construção de suas histórias, em especial as vitoriosas.

Quanto ao nosso objetivo de identificar, a partir das memórias de Bozzano, os principais momentos da sua carreira, entendemos que os episódios mais marcantes estão relacionados à arbitragem conjunta com o filho Giulliano, com destaque para a rodada do Campeonato Brasileiro em que os dois foram escalados. Nesse ponto, parece-nos que em sua construção memorialística o autor esteja tentando consolidar uma ideia de dinastia familiar na arbitragem.

Nosso último objetivo foi o de dialogar com o conceito de memória (individual e coletiva), o que fizemos a partir da narrativa de Dalmo Bozzano na tentativa de afirmar e manter viva a imagem de maior árbitro da história de Santa Catarina; narrativa esta que encontra fundamento no discurso de agentes envolvidos com o futebol, tais como parte da imprensa, dirigentes, entre outros. Neste sentido, é possível identificar na obra e no discurso do autor a tentativa do vínculo ao universo futebolístico, o que nos parece ter sido transferido para seus filhos, considerando o afastamento do autor do meio futebolístico e midiático.

Como limitação deste trabalho, optamos por não explorar neste momento os documentos contidos nos anexos II e III do livro ao considerarmos que o conteúdo destes se refere aos episódios posteriores ao encerramento da carreira do árbitro. Todavia, suspeitamos que as disputas no campo político contra a FCF, na figura do senhor Delfim de Pádua Peixoto Filho, possam ter sido um dos motivos para a publicação da obra, principalmente se consideramos o episódio que culminou no encerramento de sua carreira. Dessa forma, ao reconhecermos que os registros presentes nos anexos II e III sejam indicativos relacionados ao término da carreira de Bozzano, entendemos que a complexidade do assunto mereça um estudo complementar, pois deve-se considerar a trajetória do já falecido ex-presidente da FCF.

Por fim, acreditamos que no campo das pesquisas históricas, a descrição das trajetórias de vida e esportiva ainda não recebem a devida atenção dos pesquisadores da área. Nesse sentido, destacamos a relativa ausência de biografias e autobiografias que se proponham a contar a vida de oficiais de arbitragem, as quais podem oferecer perspectivas diferenciadas acerca da compreensão do futebol brasileiro e sua história.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. In: **Revista História da Educação**, 2003, n. 14, p. 79-95.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2020.
- BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas – um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos. In: **Revista Albuquerque**, v. 3, n. 1, 2010.
- BOZZANO, Dalmo. **Dalmo Bozzano: árbitro ou arbitrário**. Florianópolis, 2007.
- BOZZANO, Dalmo. **Entrevista de Dalmo Bozzano**. Transcrição da entrevista concedida a Bruno Boschilia e Daniel Minuzzi de Souza. 05 jan. 2021.
- CAMARGO, Rosa Rodrigues Martins de. Sobre leitura e escritos autobiográficos: apontamentos teóricos. In: _____. (Org.). **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CARVALHO, Edilson Pereira de. **Cartão vermelho**. São Bernardo do Campo: Mundo Editorial, 2006.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. Memória e futebol no Brasil: escritas da vida de jogadores brasileiros. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 2, p. 133-159, ago. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/vfXXab>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- IFAB. **Regras de Futebol 2021/2022**. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Futebol, 2021.
- COELHO, Arnaldo Cezar. **A regra é clara**. São Paulo: Globo, 2002.
- CBF. **Relatório de impacto do Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro, CBF, 2019.
- DESTRO, Daniel. **Grandes árbitros do futebol brasileiro**. São Paulo, 2018.
- GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, n. 163, p. 293-350, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LINO, Teodoro Castro. **Segue o jogo! 100 anos da arbitragem brasileira de futebol**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018.
- MARSIGLIA, Renato. **Por dentro da Copa de 1994**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1994.

MARTIN, Lucas Ferreira. **A figura do árbitro de futebol no Brasil**: um livro-reportagem sobre a arbitragem de futebol desde a formação até a atuação em jogos profissionais. Relatório (mestrado profissional). Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

NOSSO CRAQUE. “Nosso craque” com Dalmo Bozzano, o maior árbitro de Santa Catarina. **Balanço Geral Blumenau**, 30 ago. 2019. Disponível em <https://bityli.com/WbgmQ>. Acesso em: 11 fev. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLIDORO JÚNIOR. “Polidoro entrevista Dalmo Bozzano, o árbitro número 1 do futebol catarinense de todos os tempos”. Disponível em: <https://bityli.com/hFGtlt>. Acesso em: 11 fev. 2022.

QUARANTA, André Marsiglia et al. Interseções entre os campos esportivos e científico: a sociologia do esporte como elemento comum (2011-2018). **Movimento**, Porto Alegre, dez. 2021. Disponível em: <https://bityli.com/wAUUoR>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SANTOS-LISE, Natasha. **Arsenal, We're on your Side**: uma análise do futebol em Nick Hornby. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVA, Valdete Nunes. **Limites entre o real e o ficcional uma leitura de *douleur exquise*, de Sophie Calle**. Disponível em: <https://bityli.com/nsDUb>. Acesso em: set. de 2021.

TAYLOR, Matthew. **De fonte a objeto**: esporte, história e autobiografia. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2013, p. 1-40.

* * *

Recebido em: 28 de abril de 2021.
Aprovado em: 2 de março de 2022.